

Os programas imagéticos no patrimônio religioso do Carmo de Cachoeira (BA)

The imagery program in the religious heritage of Carmen from Cachoeira (BA)

Lia Sipaúba Proença Brusadin¹
Maria Regina Emery Quites²



Resumo: Na América Portuguesa, os programas iconográficos dos terceiros carmelitas e franciscanos seguem as ordens primeiras instaladas no litoral e estas, reproduzem os modelos de devoção oferecidos pelos frades mendicantes dos Impérios Ibéricos. Tais programas se configuram em um patrimônio religioso que abrange uma variedade de objetos cujo valor simbólico das representações se sobrepõe ao artístico e histórico. O presente estudo tem como objetivo analisar as particularidades e as contingências dos programas imagéticos encontrado nos diferentes espaços da igreja da ordem terceira do Carmo de Cachoeira (BA). A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica e registro fotográfico *in loco*, enquanto elementos base para a leitura iconográfica-iconológica dos santos carmelitas e franciscanos e das imagens e símbolos da Paixão de Cristo. Logo, a partir da análise desses aspectos artísticos foi possível esclarecer a existência de um programa imagético compartilhado, os distintos tipos de devoções, as mudanças de predileções, hábitos e ainda estabelecer relações de sociabilidade fundamentadas na reciprocidade entre os irmãos terceiros. **Palavras-chave:** Patrimônio Religioso; Programa Imagético; Ordem Terceira do Carmo; Cachoeira (BA)

Abstract: In Portuguese America, the iconographic programs of the third carmelites and Franciscans follow the first orders installed on the coast and these, reproduce the models of devotion offered by the mendicant friars of the Iberian Empires. Such programs are configured in a religious heritage that encompasses a variety of objects whose symbolic representations value overlaps with the artistic and historical. The present study aims to analyze the particularities and contingencies of imagery programs found in the different spaces of the church of the third order of Carmen from Cachoeira (BA). The methodology applied was bibliographic research and photographic record *in situ*, as basic elements for the iconographic-iconological



reading of carmelites and franciscan saints and the images and symbols of the Passion of Christ. Therefore, from the analysis of these artistic aspects it was possible to clarify the existence of a shared imagery program, the different types of devotions, the changes of predilections, habits and also establish relationships of sociability based on reciprocity between the third brothers. **Keywords:** Religious Heritage; Imagery Program; Third Order of Carmen; Cachoeira (BA).

Lia Sipaúba Proença Brusadin / Maria Regina Emery Quites
Os programas imagéticos no patrimônio
religioso do Carmo de Cachoeira (BA)



Introdução

A concepção do patrimônio religioso brasileiro, especialmente do período barroco, foi permeada por processos transculturais de assimilação, reelaboração e recriação das formas plásticas e do trânsito de objetos sacros de arte e artistas entre a Europa e o Ultramar. Isso caracterizou temas artísticos singulares dentro do espaço religioso tais como em igrejas, conventos, capelas, etc. A noção de programa artístico e/ou imagético de uma determinada comunidade religiosa não se vincula somente às artes e a religião, para seu entendimento intrínseco requer igualmente o conhecimento das condições culturais, políticas, socioeconômicas, laborais, memoriais, ideológicas, geográficas, de perduração e de continuidade desses espaços (SERRÃO, 2006).

A proposta deste artigo surgiu através de pesquisas anteriores acerca da história da cultura material, artística e religiosa das ordens terceiras carmelitas e franciscanas no Brasil. Ao nos depararmos com a ordem terceira do Carmo de Cachoeira (BA) nos questionamos quanto a particularidade do programa imagético encontrado nos retábulos da igreja. Por que os santos franciscanos, como São Luís Rei de França, estão vestidos com hábito carmelita? Seria por este santo ter presença em ambas as ordens? Que tipo de devoção havia em torno das esculturas da Paixão de Cristo guardadas no armário na sacristia? Essas conjecturas nos levaram a uma investigação das contingências dos programas imagéticos encontrados no templo e prováveis formas de vínculos de compartilhamento e ou reciprocidade.

A decoração das igrejas durante o período da Contrarreforma e Barroco tem suas raízes na época medieval, os artistas não escolhiam voluntariamente seus temas, estes últimos eram programados conforme a demanda do contratante. Na América Portuguesa, geralmente, o programa imagético dos terceiros carmelitas e franciscanos segue as ordens primeiras instaladas no litoral, e estas, acompanham os modelos de devoção oferecidos pelos frades mendicantes dos Reinos Ibéricos. No entanto, o programa imagético das igrejas das ordens terceiras se torna mais complexo de interpretar devido à grande variedade de técnicas artísticas que compõem o universo barroco de bens móveis e integrados, principalmente escultura, pintura e azulejaria. Neste universo há representações diversas como santos terceiros pouco conhecidos, padroeiros específicos e variedade de devoções pessoais, característicos da religiosidade leiga.

O Programa iconográfico das ordens terceiras do Carmo brasileiras é, em sua



maioria, composto pelo Ciclo da Paixão que corresponde, aos momentos da vida e da morte de Jesus Cristo: Horto, Prisão, Flagelado, Coroado de Espinhos, *Ecce Homo*, com a Cruz às Costas e Crucificado. Além das esculturas da Paixão, são sempre encontradas as imagens da padroeira, Nossa Senhora do Carmo, e da reformadora Santa Teresa de Ávila, bem como santos de devoção carmelita conhecidos como Santo Elias, Santo Eliseu, São Simão Stock, São João da Cruz e outras devoções secundárias, distribuídos entre o retábulo-mor e retábulos colaterais da nave das igrejas entre outros espaços.

No caso dos terceiros franciscanos a presença do fundador da ordem e as diversas representações de sua vida são uma constante, e entre os mais comuns estão, São Francisco recebendo as chagas de Cristo, São Francisco Penitente e a cena do Amor Divino. Sempre presentes também estão os santos terceiros franciscanos, principalmente, São Luís Rei de França, Santa Isabel Rainha de Portugal, São Roque, Santa Isabel Rainha da Hungria, Santa Margarida de Cortona. Há também santos da ordem segunda franciscana como Santa Clara e até mesmo a frequência de São Domingos de Gusmão, dominicano contemporâneo do santo de Assis.

Os terceiros franciscanos também estavam intimamente relacionados com a devoção à Paixão e Morte de Cristo, pois Francisco é um novo crucificado, o Altherego – o próprio Cristo, pois recebe também as chagas. Os aspectos da vida de Francisco e dos santos leigos é sempre voltado para o reconhecimento dos pecados, a importância do arrependimento, a presença constante da morte, a condenação da vaidade e a penitência com a mortificação da carne para purificar a alma, visando a salvação.

Desse modo, para compreender o programa imagético escultórico da ordem terceira do Carmo de Cachoeira, investigamos o programa iconográfico da Paixão de Cristo, bem como a devoção à Nossa Senhora do Carmo, a hagiografia dos santos carmelitas e franciscanos lá presentes, além de outros ornamentos com simbologia cristã. Também relacionamos estes aspectos à forma em que estão dispostos dentro do espaço religioso. A metodologia aplicada foi pesquisa bibliográfica e registro fotográfico *in loco*, enquanto elementos base para a leitura iconográfica-iconológica da interface entre: escultura/retábulo e escultura/armário da sacristia. A partir dessa trajetória é possível discutir as possibilidades dos programas imagéticos e relações sociais compartilhadas nessa ordem leiga baiana.

O estudo iconográfico como o aqui proposto, é identificar os textos ilustrados de uma imagem religiosa. Em relação a análise iconológica, desde



os estudos pioneiros de Panofsky (1979), através dela é feita a reconstrução de um programa, que transcende a identificação de um texto concreto. “El género de los programas estaba basado en ciertas convenciones, convenciones firmemente enraizadas en el respecto renacentista por los textos canónicos de la religión y de la Antigüedad” (GOMBRICH, 1983, p. 18). Ao correlacionarmos texto com imagem cria-se uma ponte entre a imagem e o tema.

O patrimônio religioso, assim, se fundamenta no imaginário social pelo aspecto relevante de cada cultura e suas formas de representação, é uma condição de produção e reprodução das relações em sociedade. O imaginário faz parte do campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade, mas não são expressões literais dessa mesma realidade. O imaginário social regulamenta a vida coletiva e os símbolos são os instrumentos desta integração. As imaginações simbólicas interagem com as memórias humanas e compõem os sentidos tidos como reais da vida em sociedade e suas formas de comunicação.

Os mendicantes e a ordem terceira do Carmo de Cachoeira

As associações religiosas compostas por leigos nasceram dentro das ordens mendicantes, em uma renovação das atitudes espirituais iniciadas no século XII. As ordens religiosas significaram um impulso religioso, que tinha como finalidade seguir o mais fielmente possível a vida dos primeiros discípulos de Jesus, orientados pelos atos e sofrimentos do Cristo Humano³. Isso foi intensificado na Contrarreforma, na tentativa de reconquistar as massas atraídas pela heresia protestante, e os missionários permitiram aos leigos um envolvimento ainda maior com o domínio do sagrado. Fazer parte de uma associação laica conferia ao fiel cristão a possibilidade de remissão de seus pecados e a possibilidade de uma vida edificada, amparada e uma boa morte. Essa inclusão foi aumentada com o a multiplicação de exercícios devocionais e das práticas piedosas, entre as quais destacam-se as obras de amparo mútuo e a devoção à Paixão de Cristo.

Na América Portuguesa é muito próxima a fundação temporal dos conventos mendicantes à criação dos sodalícios⁴ de irmãos terceiros, surgindo também de forma quase que simultânea à época dos estabelecidos no Reino, nos séculos XVII e XVIII. Tais associações laicas constituíram redes que ligavam os dois lados do Atlântico – Ultramar e Península Ibérica –, o ingresso a uma



fraternidade garantia aos irmãos terceiros benefícios materiais e espirituais (MARTINS, 2009). As ordens eram formadas pelo clero regular, o qual fazia o voto de castidade e de clausura. Contígua a esses conventos, foram construídas as capelas dos irmãos leigos. Estes eram homens e mulheres devotos os quais elaboravam seu Estatuto conforme legislação específica, em que se registravam os deveres e os direitos dos irmãos, devendo ser confirmado pelo Reino Português (CAMPOS, 2011a).

Os carmelitas chegaram na Bahia por volta do ano de 1592, juntamente com os franciscanos, beneditinos e os jesuítas, destacaram-se na evangelização e alfabetização das pessoas que ali viviam. No litoral é observado um recuo espacial entre o templo regular e secular, sendo este último mais afastado (FIG 1). Era costume deixar a capela das ordens terceiras recuadas para não concorrer com o edifício conventual. Havia, assim, uma relação de subordinação dos terceiros aos religiosos mendicantes o que, contudo, gerava muitos precedentes, dependendo do tipo de aproximação – espacial e/ou social e/ou religiosa – reclamada por ambas as partes. Esses pretextos podem ser identificados na liberdade de devoções dentro das igrejas, criação e invenção encontradas nas obras artísticas e condução de uma procissão ou ainda a determinação de laços e trocas sociais entre irmãos, conforme as realidades e demandas locais. Entretanto, eram um vínculo que trazia vantagens ao irmão terceiro, diferenciando-o do simples fiel da igreja, privilégios de caráter espiritual, dentre os quais, indulgências aplicadas à salvação das almas.

Figura 1 - Fachada da igreja da ordem terceira do Carmo de Cachoeira



Fonte: Foto das autoras.



O conjunto arquitetônico do Carmo de Cachoeira é composto pelo convento, igreja da ordem regular e pelo templo leigo, foi o primeiro e o único daquela região. A ordem terceira do Carmo foi fundada no ano de 1691, os irmãos terceiros já tinham uma capela devotada a Santa Tereza no convento (BAYÓN, 2001). O edifício religioso dos terceiros foi construído em terras vizinhas à igreja conventual, doadas em 1702, pelos religiosos carmelitas (FLEXOR, 2007). O primeiro Prior da ordem foi o Capitão João Rodrigues Adorno. Os Estatutos datam de 1696, coordenados pelo Frei Manoel Ferreira da Natividade, aprovados em 23 de junho de 1701. O edifício da igreja dos terceiros ficou pronto somente em 1773 (CAMPOS, 2001).

O interior da igreja é caracterizado por uma talha do estilo joanino. O retábulo-mor possui uma imagem grande do Nosso Senhor do Bonfim. Os retábulos do arco-cruzeiro, são contemporâneos ao retábulo-mor – fabricados em torno dos anos de 1730 e 1740. Estes são dedicados à Nossa Senhora das Dores e ao Senhor dos Passos, imagens de vestir.

Os retábulos colaterais da nave da igreja apresentam uma característica curiosa que: “são escavados em concha e cobertos (como as janelas da tribuna) de altos frontões de contornos muito recortados, cujas volutas e rampetas⁵ curvam-se e recurvam-se à chinesa; influência extremo oriental é patente” (CALDERÓN, 1976, p. 51). Tais móveis litúrgicos são as obras de talha mais recente, provavelmente fabricados por volta de 1760 (BAZIN, 1956). Eles são consagrados aos seguintes santos: São Luís Rei de França, Santa Joana – lado da epístola –, São Esperidião e Santa Isabel – lado do Evangelho. Essas esculturas são imagens de vulto, de médio porte, com policromia e douramento.

Na sacristia da igreja, dentro de um armário também apresentando “caraterísticas orientais” (CALDERÓN, 1976, p. 60) estão guardadas as imagens da Paixão de Cristo (FIG 2). Internamente este móvel foi dividido de forma a acolher a diversidade de tamanho das esculturas. De acordo com a denominação iconográfica da própria ordem são identificados por: Cristo no Horto, Cristo “Manietado⁶”, Cristo da Paciência, Cristo da Coluna, Cristo da Pedra Fria, Cristo Ressuscitado além das imagens de São João Evangelista e Maria Madalena. Há também uma imagem grande do Senhor dos Passos, que atualmente se encontra na Sacristia – antigamente essa imagem pertencia à irmandade do Senhor dos Passos, porém com talha diferente das outras localizadas no armário.



Figura 2 - Relação esquemática dos retábulos e armário da sacristia



Fonte: As autoras.

As imagens da Paixão são todas em tamanho natural, têm olhos de vidro, estão sem vestimentas e cabeleiras, o que as torna mais obras de arte sacra do que propriamente imagens de devoção, já que estão destituídas de todos seus atributos e acessórios iconográficos. Vale ressaltar que as esculturas de Cristo de tal associação carmelita são processionais, pois eram carregadas em andores nas festividades da Semana Santa durante a procissão do Triunfo, realizadas pelos leigos carmelitas. Calderón (1976) e Bazin (1956) presumiram que esses Cristos vieram de Macau, na China, em virtude de suas características orientais. Em consequência disso, esse acervo se tornou famoso e visitado por muitos turistas e estudiosos, no entanto, é necessária mais pesquisa sobre a origem destas esculturas.

Como foi dito anteriormente, o programa iconográfico das ordens terceiras do Carmo brasileiras geralmente é composto pelo Ciclo da Paixão de Cristo nos retábulos das igrejas, tal qual acontece com a congênere primaz de Salvador (BA). Para entender o porquê da ordem carmelita cachoeirana fugir à regra observada em outras ordens litorâneas, foi feita a interpretação dos programas artísticos daquele espaço religioso correlacionando-o às circunstâncias locais e gerais ao território brasileiro, às relações de sociabilidade e acolhimento entre os irmãos leigos.

Da mesma forma, o Ciclo da Paixão de Cristo também faz parte do programa iconográfico das ordens terceiras franciscanas brasileiras. Na ordem terceira



franciscana de Salvador, por exemplo, são encontrados entronizados nos nichos da “Casa dos Santos” junto com as imagens dos santos terceiros, as seguintes representações do Senhor: no Horto, na Prisão, dos Açoites, da Pedra Fria, na Presença de Pilatos, dos Passos, Glorioso; além de duas imagens do Cristo Morto e uma de Nossa Senhora das Dores. Essa presença evidencia a importância das imagens da Paixão dentro da ordem e a articulação desta devoção com os cerimoniais da associação, pois participavam dos ritos quaresmais. Cabe salientar a semelhança de guardar em armários as imagens da Paixão, tal como foi observado na igreja dos terceiros carmelitas em Cachoeira.

Os programas imagéticos dos retábulos e armário da sacristia

O sistema de decoração das ordens religiosas seguia uma iconografia particular sendo ao mesmo tempo universal e local. Cada localidade poderia manifestar as suas devoções peculiares, em virtude de seu próprio contexto histórico e social, mas isso era permitido desde que cumprissem os preceitos das Regras ou dos Estatutos gerais, além da decência e do decoro com os objetos sagrados. Para exemplificar, citamos o caso da ordem terceira do Carmo de Ouro Preto (MG), antiga Vila Rica, cujo retábulo-mor da igreja acha-se a imagem de Santa Quitéria. A presença dessa invocação pouco comum dentro o ramo carmelitano ocorreu pelo fato da associação de leigos mineira ter surgido dentro da capela de Santa Quitéria, filial da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, no morro de mesmo nome, onde posteriormente esta capela seria demolida para a construção da igreja em homenagem a Nossa Senhora do Carmo (BRUSADIN; QUITES, 2017).

A ordem terceira do Carmo de Cachoeira apresenta um programa iconográfico inusitado em seus retábulos. Tal como a representação de um São Luís Rei de França, devoção típica franciscana, vestindo hábito carmelita, ademais da fusão dos atributos da Paixão de Cristo na talha dos retábulos laterais da nave, junto com esculturas de santos carmelitas pouco conhecidos. A hipótese que levantamos para essa equivalência e cruzamento de devoções é a relação próxima entre confrades carmelitas e franciscanos, talvez pelo fato de não ter sido instituída uma igreja da ordem terceira de São Francisco na antiga vila e, dessa maneira, os terceiros franciscanos poderiam frequentar o templo do Carmo para seus exercícios espirituais. Todavia, acreditamos que havia uma devoção partilhada entre os terceiros, representada pelos programas imagéticos nos diferentes espaços da igreja do Carmo de Cachoeira, pois era uma prática



comum a circulação entre leigos. Por último, ainda levantamos a hipótese da escolha do São Luís, que era rei e exemplo de virtude a ser seguida, portanto os carmelitas podem ter se apropriado da sua representação vestindo-o com o hábito da ordem do Carmelo.

Na sociedade dos séculos XVII e XVIII era possível que os irmãos leigos fizessem parte de mais de uma associação. Como exemplo, citamos o caso do pintor marianense, Mestre Athaíde (1762-1830). Ele era irmão terceiro da ordem de São Francisco em Mariana e também filiado à ordem terceira do Carmo de Vila Rica. Essa díade da vida confraternal era comum, notadamente entre os irmãos professos, profissionais destacados em determinados ofícios, os quais tornaram-se membros dessas associações, em que muitos foram enterrados no interior dos templos (CAMPOS, 2005). Outro exemplo é o do Padre Félix (1755-1837), Félix Antônio Lisboa meio-irmão do Mestre Antônio Francisco Lisboa (1730-1814), o Aleijadinho, ele também legou um vasto acervo sacro para as Minas Gerais, foi membro tanto da ordem terceira do Carmo quanto de São Francisco, ambas em Vila Rica.

Podemos apontar vários exemplos documentados pelo território brasileiro em que houve um intercruzamento das práticas religiosas de acolhimento entre ambas as ordens leigas. O primeiro, seria a participação com precedência e recorrência dos terceiros franciscanos nas procissões dos carmelitas e vice-versa. Como aconteceu em São Paulo, contexto relatado pelo Frei Adalberto Ortman (1951), onde as ordens terceiras de São Francisco e a do Carmo realizaram juntas as procissões da Penitência e do Triunfo na vila em meados do século XVIII.

O frade cita um documento dos terceiros franciscanos de 1727, no qual a ordem convidou os irmãos carmelitas para participar da procissão de Cinzas. Contudo, no ano de 1789, quando os franciscanos renovaram o convite, os carmelitas não aceitaram, respondendo que: “assentou abolir o desnecessário costume que até se praticou entre essa e esta Venerável Ordem Terceira”. Argumentando que: “as duas Veneráveis Ordens Terceiras hoje abundantes em alunos e podendo muito bem exercitar cada per si as suas funções independentemente uma da outra, parece supérflua a mútua assistência – e por outras muitas circunstâncias” (ORTMANN, 1951, p. 120). Consideramos que, nos primeiros anos de estabelecimento dessas ordens terceiras, as duas precisaram da ajuda mútua para se fortalecerem e promoverem seus ritos solenes. Provavelmente porque ambas no início contavam com poucos irmãos, geralmente pessoas de posse, porém, mesmo assim era muito dispendioso custearem sozinhas as suas



solenidades.

Além disso, era costume e tradição entre terceiros compor reciprocamente seus cortejos durante as celebrações da Semana Santa. Conforme os Estatutos da ordem terceira do Carmo do Rio de Janeiro (1648-1872), capítulo XXXIV, § 4º Da Procissão de Sexta-Feira Maior: “[...] se irão seguindo os mais por sua ordem até o andor do Passo do Christo Crucificado, e comporão uma e outra ala os Irmãos Terceiros, e não se admittirá entre elles quem não o seja, salvo se for algum Irmãos da Ordem Terceira de São Francisco” (SERZEDELLO, 1872, p. 420).

É válido ressaltar que as ordens terceiras sempre concorreram entre si, quer pela festa mais ostentosa quer pela mais bela igreja. Contudo, outra questão que nos leva a pensar sobre o compartilhamento mútuo do espaço religioso seria uma possível proibição régia para a construção do templo laico de São Francisco, tal qual aconteceu, de modo inverso, em Itu (SP). Naquela vila, não houve a construção do edifício religioso da ordem primeira e do convento, sendo o único conjunto da Capitania de São Paulo composto somente pela igreja dos terceiros e o hospício. Segundo Andrade (1945, p. 155) isso aconteceu: “Devido a uma ordem régia de D. Pedro datada de 1702, ficou decidido não permitir ‘novo convento na Vila de Itu’ que não fosse o dos franciscanos, já existente”. Infelizmente, sobre a ordem terceira do Carmo de Cachoeira não foram encontrados documentos do século XVIII para verificar tal questão, é possível que essa lacuna decorra pelo fato da igreja ter sofrido enchentes periódicas do Rio Paraguaçu.

Por fim, citamos novamente o exemplo da ordem terceira do Carmo de Ouro Preto, cuja igreja apresenta seus retábulos compostos pelo Ciclo da Paixão, além de outros santos de devoção popular. Haja vista que, em Minas Gerais, as devoções têm raízes medievais, pois a religião não foi difundida pelas pregações oficiais dos missionários das ordens religiosas, mas sim, pela rotina do cotidiano dos povoadores e santos tradicionais portugueses. Na sacristia desse templo mineiro, encontramos duas pinturas de grande porte, consagradas aos dois reis, São Luís, Rei de França (franciscano), e ao Santo Eduardo, Rei da Inglaterra (carmelita). Podemos dizer que, na Capitania de Minas também havia uma devoção compartilhada entre os santos carmelitas e franciscanos.

A iconografia do retábulo-mor

A leitura de uma obra de arte, seja ela medieval, renascentista, barroca ou



rococó, requer um estudo aprofundado para compreender a sua mensagem. A expressão *ut pictura poesis* usada pelo filósofo grego Horácio (65 a.C.-8 a.C.), significa um princípio de similaridade entre imagem e texto escrito, referindo-se às obras artísticas como a pintura e a escultura. Dessa maneira, a metodologia aqui proposta segue a análise das esculturas presente no camarim do retábulo⁷ e de outros componentes que ornaram esse móvel litúrgico, tais como a tarja⁸, o sacrário⁹, os nichos laterais¹⁰ e o frontal¹¹ do altar.

O retábulo-mor é consagrado ao Cristo Crucificado (189 X 115 cm)¹², esse tipo escultórico representa o Senhor do Bonfim (FIG 3). Tal cena configura o momento máximo da Paixão de Cristo, pois simboliza a consumação do projeto divino para a salvação dos Homens: “Amarraram uma esponja ensopada de vinagre numa vara, e aproximaram a esponja a boca de Jesus. Ele tomou o vinagre e disse: ‘Tudo está realizado’. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19: 28-30).

Figura 3 - Relação esquemática dos retábulos e armário da sacristia



Fonte: Foto das autoras.

No degrau térreo deste retábulo está a imagem de Nossa Senhora do Carmo (177 X 55 cm). Essa devoção se inicia no fim do século XII e início do século XIII, quando um grupo de peregrinos e cruzados decide permanecer na Terra Santa vivendo em obséquio de Jesus Cristo, junto à fonte de Elias. Naquele local foi erigida uma capela dedicada à Santa Maria, Senhora do lugar, daí o nome Irmãos da Santa Maria do Monte Carmelo, ou simplesmente carmelitas.



O Monte Carmelo foi, portanto, o ponto de origem da ordem, posteriormente sancionada por Urbano IV em 1263. (MARTINEZ CARRETERO, 1991). Na representação do Carmo, a Nossa Senhora veste o hábito carmelita: túnica marrom e escapulário com o símbolo da ordem da mesma cor, além da capa e véus brancos. Geralmente é representada com o Menino Jesus e o escapulário, este simboliza as indulgências de que os fiéis são merecedores.

No nicho lateral do lado do Evangelho fica a imagem do Rei Eduardo (88 X 41 cm) (FIG 4), chamado também Eduardo III (1042-066), o confessor, foi rei da Inglaterra, era piedoso e amado por seu povo. Mandou construir a primeira abadia de Westminster. A lenda conta que São João Batista, disfarçado de mendigo, pediu caridade ao Rei, mas na verdade era o próprio Jesus que lhe aparecera. Foi canonizado no ano de 1162 (GRAVIERS; JACOMET 2008).

Figura 4 - Santo Eduardo



Fonte: Foto das autoras.

O Santo Eduardo é uma iconografia pouco frequente nas igrejas carmelitas no Brasil. Existem alguns exemplares na pintura, como o da sacristia da igreja do Carmo de Ouro Preto, e em pintura e escultura, presentes na igreja da ordem terceira do Carmo de Recife (PE). Honor (2017) escreveu um artigo sobre as pinturas localizadas nos corredores de acesso à sacristia dessa ordem de terceiros carmelitas pernambucanos, que representam quatro personagens carmelitanas, dentre as quais destacamos o Santo Eduardo e a Santa Isabel, Rainha da Boemia, também

encontrados na ordem do Carmo de Cachoeira. O autor faz uma profunda pesquisa bibliográfica em livros da ordem carmelita e de iconografia cristã, e verifica que apenas o Rei Eduardo é mencionado nos manuais de iconografia.

Para tanto, Honor sinaliza a obra *Thesouro Carmelitano* (1705), do Frei Joseph Jesus Maria¹³, principal manual de conduta dos terceiros carmelitas do mundo lusitano. No capítulo XVIII, intitulado: “De alguns santos da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo”, o cronista apresenta uma lista de 30 nomes, divididos entre Mártires, Confessores, Virgens e Penitentes. Eram personagens que agiam como irmãos, porém não faziam parte da ordem terceira do Carmo, pois naquela época a associação não existia oficialmente:



Classe de Mártires: **Santo Eduardo Rey de Inglaterra**, Santa Efigenia, Santa Silvania, Santa Flavia Domitila, Santa Tecla, Santa Basília, São Proto, São Jacinto, Santa Leocadia, Santa Eugenia.

Classe de Confessores: **Santo Esperidião Bispo**, São João Vesco, Santo Amador, Santo Henrique de Grey, **São Luís Rei de França**. **(Este santo [...], foi terceiro de todas as quatro ordens mendicantes, a saber, do Carmo, Agostinho, franciscano e Dominicano; [...])**

Classe de Virgens e penitentes: Santa Angela de Arena, **Santa Isabel rainha da Bohemia**, Santa Maria Egípcia, Santa Verônica, Santa Arcângela de Trino, Santa Petronila, Santa Melania, Santa Ângela princesa de Bohemia, **Santa Joana de Regio**, Santa Cirila, Santa Alexandra, Santa Marinha, Santa Theodora, Santa Pelagia, a Beata Francisca de Ambroize (HONOR, 2017, p. 186-187 grifos nossos).

Nessa relação de santos destacamos as outras devoções encontradas na ordem cachoeirana. Por meio desse estudo comparativo foi possível verificar não só a invocação do Santo Eduardo como carmelita, ademais da pluralidade devocional do São Luís de França entre as ordens leigas, bem como identificar a qual Santa Joana e Santa Isabel a iconografia se remete. De forma análoga, Justiniano (2016) ao analisar a devoção carmelitana voltada ao Rei Eduardo cita um documento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) da década de 50, que menciona a presença de um Santo Eduardo e uma Santa Rainha, Isabel da Boemia nos altares laterais da nave da igreja da ordem terceira de Salvador:

Curiosamente, encontramos uma transcrição feita pelo historiador baiano Dr. Carlos Ott, do Livro de Resoluções de 1734, de uma reunião da mesa, anterior ao incêndio, que acertava a confecção de seis santos para os altares laterais da igreja da Ordem Terceira, altares que seriam, então, endereçados a outros donos: “Aos vinte e sete do mês de abril de mil setecentos e trinta e dois anos, neste consistório e casa de despacho desta Nossa Venerável Ordem 3^a de N. Sra. do Monte do Carmo, estando em Mesa o Irmão Prior o Sargento mor Custodio da Silva Guimarães, e mais Irmãos da Mesa ai foi proposto pelo dito nosso Irmão Prior se deviam mandar fazer seis imagens de seis santos que tivessem sido nossos Irmãos terceiros para se colocarem nos seis altares da



nossa capela, e ouvida a dita proposta concordarão todos a que se mandassem fazer para a veneração do povo **Santo Eduardo Rey de Inglaterra** Mártir, Sam Jacintho Mártir, santo Henrique Rey e Confessor, Sam João Vesco Confessor, **Santa Isabel Rainha de [Bohemia]**, Santa Angela de [de Arena], e logo [...] para isso [...] Mesa [...] Joseph [...] de Oliveira que se ajustou e se obrigou a fazê-las todas seis imagens por cento e vinte mil reis [...] se mandou fazer este Termo em que assinou o nosso Irmão Prior e mais Irmãos da Mesa comigo Pedro Fernandes Souto Secretario da dita Ordem que o sobrescreveu e assinou e eu Pedro Fernandes Soutto Secretario da dita Ordem que o sobrescreveu e assinou”. Cf. Transcrição feita pelo historiador Dr. Carlos Ott, no dia 10 de maior de 1954, do Livro das Resoluções de 1709-1744, (ano de 1732, fls. 169 r-v), pertencente ao Arquivo da Ordem Terceira do Carmo, de Salvador. Cópia carbono existente nas *pastas de inventário*, Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro (JUSTINIANO, 2016, p. 113-114 grifos nossos).

A autora ressalta que nessa igreja não há indícios da existência dessas imagens, o que não deixa a possibilidade de se afirmar se a encomenda foi feita ou não, em virtude do incêndio ocorrido no templo no ano de 1788, pressupondo que, os altares da ordem terceira do Carmo de Salvador já tiveram outros donos. Entretanto, percebemos que esse programa imagético configurado por modelos exemplares carmelitas poderia também ter composto outras ordens terceiras carmelitas do litoral brasileiro.

No nicho lateral do retábulo mor, lado da Epístola há um santo de barba, com manto e túnica longas, que não apresenta atributos suficientes para sua identificação (FIG 5) e é definido pelo IPHAN (1994) como sendo São José (88 X 51 cm). Poderíamos fazer uma aproximação desta representação, com a famosa carmelita Santa Teresa D’Avila, que considerava José seu santo de grande devoção (CAMPOS, 2011a), no entanto, não temos como ter certeza, desta iconografia neste programa dos terceiros de Cachoeira.

Figura 5 - Santo não identificado



Fonte: Foto das autoras.



Nos retábulos do transepto, lado da Epístola, fica a imagem do Cristo com a Cruz às Costas ou Senhor dos Passos (134 X 47 cm). Esse episódio é o caminho de Jesus do Pretório até o Calvário ou Gólgota: “Eles levaram Jesus. Jesus carregou a cruz nas costas saiu para um lugar chamado ‘Lugar da Caveira’, que em hebraico se diz ‘Gólgota’” (Mc 15: 21-22). No retábulo do lado do Evangelho fica a imagem de Nossa Senhora das Dores (162 X 37 cm). A sua devoção se difundiu a partir do século XIII, cuja Virgem é representada de fisionomia angustiada, em pé, geralmente vestida de roxo e envolvida por um manto que lhe cobre a cabeça. O peito é atravessado por sete punhais os quais simbolizam as dores de Nossa Senhora (CUNHA, 1993).

A iconografia dos retábulos colaterais da nave

Os altares do lado do Evangelho são dedicados a Santa Joana e São Luís, e do lado da Epístola, a Santa Isabel e São Esperidião. Analisando a iconografia usada nos azulejos da ordem carmelita de Cachoeira, Senhorinho (2014) descreve os painéis de pintura encontrados na capela mor e nave identificando vários santos que possuem no templo correspondência de representação entre escultura e a pintura. Estes painéis na nave são respectivamente do lado do Evangelho: São Luís Rei de França, Santa Joana e São Eduardo Rei da Inglaterra. Já do lado da Epístola, estão dispostos: São Esperidião, Santa Isabel de Portugal e São Franco. Destes apenas São Franco não tem correspondência em escultura, e a Santa Isabel que ela cita é uma terceira franciscana muito representada com São Luís Rei de França, em todas as capelas dos terceiros franciscanos.

No primeiro retábulo colateral do lado da Epístola temos um caso ímpar, pois a imagem entronizada é São Luís Rei de França, ou Luís IX (122 X 62 cm) e está vestido com o hábito carmelita e um pequeno manto real sobre os ombros (FIG 6). No entanto, este santo é famoso e muito representado em todas as ordens terceiras franciscanas no Brasil, vestido com o hábito franciscano, manto e coroa real trazendo em uma das mãos uma coroa de espinhos e os três cravos da crucificação (MUELA, 2012). Na ordem terceira franciscana de Salvador a escultura está presente na igreja e na casa dos santos e tem o cálice como atributo (FIG 7).

Figura 6 - Retábulo lateral de São Luís, Rei da França



Fonte: Foto das autoras.

representação também como santo terceira carmelita. Consultando diversas obras hagiográficas e iconográficas São Luís é sempre citado como terceiro franciscano. Na iconografia cristã tradicional, conta-se que, muito devoto à Igreja, reinou por 33 anos. O Luís IX (1215-1270) participou de duas cruzadas, numa das quais encontrou os cravos da crucificação. Foi aprisionado pelos sarracenos e morreu em Cartago de peste.

A difusão da imagem de São Luís nas Américas esteve condicionada por sua hierarquia e por ser terceiro franciscano e, segundo Schenone (1992), pode-se afirmar que não houve retábulo ou capela dos terceiros que não tenha possuído uma imagem deste santo entronizada nos lugares principais. Na América Portuguesa, ele está presente nas capelas de forma marcante, ocupando o altar mor ou altares colaterais no Brasil.

No *Thesouro Carmelitano*(1705), segundo o Frei Joseph Jesus Maria, o Rei francês foi terceiro de quatro ordens mendicantes, o que pode explicar sua

Figura 7 - São Luís Rei de França. Retábulo da ordem terceira franciscana de Salvador (BA)



Fonte: Foto das autoras.



Destacamos igualmente a iconografia do sacrário e do frontal da mesa do altar deste retábulo representando o cálice (FIG 8) o qual remete à passagem do Cristo no Horto das Oliveiras. No entanto, podemos levantar uma hipótese sobre a presença do cálice como atributo de São Luiz, já que é também uma relíquia de Cristo. Assim, São Luís vestido de carmelita é o símbolo de compartilhamento de um santo entre carmelitas e franciscanos.

Figura 8 - Frontal do altar retábulo São Luís Rei de França



Fonte: Foto das autoras.

O retábulo seguinte apresenta a Santa Joana (128 X 63 cm). Esta santa carmelita nasceu em 1428 em Reggio na Itália. Desde pequena Joana Scopelli teria feito voto de castidade, prova de seu amor à Virgem do Carmo, se opondo ao casamento arranjado pelos pais. A beata vestia o hábito da Virgem Maria, um manto ou capa brancos que lhe cobria a cabeça. As seguidoras da beata ficaram conhecidas como Irmãs Brancas. Instituiu o primeiro monastério para jovens da Congregação Mantuana. Um de seus principais atributos é o crucifixo símbolo de sua virtude, penitência e recusa aos bens materiais. Foi canonizada em 1771 por Clemente XIV (MARTINEZ CARRETERO, 1991). Esta imagem está vestida com o hábito carmelita segura um ostensório na mão esquerda (FIG 9).

Figura 9 - Santa Joana



Fonte: Foto das autoras.



Na talha do sacrário (FIG 10) e frontal do altar têm-se uma coluna que simboliza o Cristo Flagelado ou Senhor da Coluna.

Figura 10 - Sacrário retábulo Santa Joana



Fonte: Foto das autoras.

No lado do Evangelho, o primeiro retábulo é consagrado a Santa Isabel, Rainha da Bohemia (FIG 11). De acordo com Honor (2017) a Santa é representada com os olhos voltados para cima, com a mão esquerda sobre o peito enquanto estende a mão direita aberta para chão. Essa representação é encontrada na ordem carmelita de Recife, como foi dito, mas também há um exemplar desta iconografia, uma escultura, na igreja de Nossa Senhora do Carmo de Évora, em Portugal, com a mesma gestualidade e vestindo o hábito carmelita¹⁴. Esta escultura possui um cetro na mão direita e a esquerda no peito.

Figura 11 - Santa Isabel, Rainha da Bohemia



Fonte: Foto das autoras.



A descrição da vida, milagres e atributos dessa Santa não é mencionada em manuais de iconografia, “mas apenas mais de uma dentre as tantas rainhas católicas na História da Igreja” (HONOR, 2017, p. 196). Provavelmente ela não foi canonizada, beatificada ou venerada, podendo ter sido apenas lendária. Honor levanta uma hipótese interessante a respeito de uma confusão da nomeação da Santa Isabel, Rainha da Hungria com a da Boemia. Aquela foi uma Santa de forte devoção na época medieval e moderna e, ao trazê-la para o elenco de santos carmelitas, poderia ser uma grande aquisição aos terceiros.

A Isabel, Rainha da Hungria é normalmente representada com hábito franciscano, enquanto Isabel da Boemia foi vestida de carmelita para se aproximar do Carmelo. Além disso, Honor acredita que na época que foi escrito o *Thesouro Carmelitano*, uma das poucas obras que cita o nome dessa Santa, tanto a região da Hungria quanto a da Boemia estavam sob o domínio da Casa de Habsburgo e não eram diferenciadas enquanto reinos. Afirma que: “a identificação com a Santa Isabel da Hungria é a mais provável, pois era possível que a mesma pessoa pertencesse a mais de uma ordem terceira ou ser benfeitora do clero regular como um todo atraindo a veneração de diferentes congregações” (HONOR, 2017, p. 198).

A diferença da escultura da Santa Isabel do Carmo de Cachoeira é que ela apresenta uma gesticulação diferente em relação aos exemplos apontados por Honor. Em Salvador, ela figura igualmente com as vestes carmelitas, mas na sua mão direita traz uma espécie de cetro, atributo da realeza, e na mão esquerda segura um crucifixo. Tal qual o São Luís, Rei de França, a Rainha Isabel pode ter sido vestida por hábitos carmelitas como uma maneira de dividir e aproximar tais devoções entre os terceiros. Desse modo, eram criados laços devocionais entre confrades a partir de modelos santificados de conduta social.

Na ordem terceira franciscana de Salvador há dentro da igreja e na casa dos santos as imagens de Santa Isabel Rainha da Hungria, que possuem como atributo apenas um cetro na mão direita (FIG 12). Apesar desta estar vestida de franciscana, sua gestualidade se assemelha mais com a Isabel de Cachoeira.



Figura 12 - Santa Isabel Rainha da Hungria - Retábulo da ordem terceira franciscana de Salvador (BA)



Fonte: Foto das autoras.

No sacrário e frontal do altar está representada uma palma, que é um ramo ou galho verde, símbolo do martírio (FIG 13). Significa o amor a Deus por meio da mortificação da carne, tal qual a flagelação de Cristo pelos soldados romanos.

Figura 13 - Sacrário retábulo Santa Isabel



Fonte: Foto das autoras.

O último retábulo da nave (FIG 14) é devotado ao Santo Esperidião (118 X 53 cm), venerado como carmelita, protetor das calamidades naturais, o que faz recordar das constantes enchentes do Rio Paraguaçu que destruíram a igreja dos terceiros carmelitas repetida vezes. Esperidião (270-348) foi um santo



taumaturgo com o poder da cura. Tornou-se bispo de Chipre, considerado pelas igrejas católicas romana e ortodoxa. Em 325 participou do 1º Concílio de Nicéia (MUELA, 2012). É representado com indumentária eclesiástica de bispo e por baixo está vestido com o hábito carmelita.

Figura 14 - Retábulo Santo Esperidião



Fonte: Foto das autoras.

No sacrário está representado os três cravos da cena da Crucificação e no frontal do altar a cana verde, o cetro, do Cristo Coroado de Espinhos (FIG 15).

Figura 15 - Retábulo Santo Esperidião



Fonte: Foto das autoras.

À vista disso, os retábulos laterais da igreja da ordem terceira do Carmo



de Cachoeira apresentam um programa imagético pouco comum entre os terceiros do Carmo no Brasil, além de uma escultura de São Luís e da Santa Isabel vestidos com hábito carmelita, os quais geralmente são representados como santos franciscanos. Os móveis litúrgicos têm a sua talha ornamentada com os instrumentos da Paixão (três cravos, cálice, açoite, cana verde). É uma espécie de programa imagético carmelita e franciscano amalgamado, dado que ambas as ordens são devotas aos sofrimentos do Cristo Humano.

A partir dos símbolos encontrados nos sacrários e no frontal dos retabulos da nave chegamos a discutir a possibilidade destes altares terem sido executados para receber os Passos da Paixão, no entanto estes espaços são muito pequenos para abrigar imagens geralmente de tamanho natural. Estas imagens eram usadas para sair em andor na procissão do triunfo no fim da quaresma. Podiam ser imagens somente processionais e ficar guardadas, ou ter dupla função retabular e processional. Outro argumento que coaduna com a representação dos terceiros nestes retabulos é a imagem semelhante disposta em pintura no mesmo espaço.

A iconografia do armário da sacristia

O Ciclo da Paixão de Cristo, devoção comum aos programas iconográficos das igrejas carmelitanas, localiza-se no armário da sacristia (FIG 16), a exceção do Crucificado e do Cristo com a Cruz às Costas.

Figura 16 - Armário da sacristia



Fonte: Foto das autoras.



Também na Bahia, na ordem terceira franciscana de Salvador temos armários feitos para guardar as imagens, no aposento denominado “Casa dos Santos”, que é um raro exemplar de talha neoclássica, com vinte e quatro nichos, quinze imagens dos santos terceiros franciscanos, sete imagens da Paixão de Cristo e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. No nicho principal está Nossa Senhora das Dores, sendo todas imagens de vestir, exceto uma imagem de Santa Clara e duas imagens do Cristo Morto (QUITES, 2006).

Esta “Casa dos Santos” (FIG 17) teve início em 1844, pois o então ministro considerava que as imagens necessitavam de um local “com decência” para acondicionar as muitas esculturas que se encontravam deterioradas. Os trabalhos foram iniciados em 1845, mas em 1847, sob uma nova administração, a obra não tinha mais o mesmo interesse e quiseram substituir as “carunchosas e destroncadas estátuas” por painéis de pintura. Felizmente, isto não aconteceu e um novo ministro prossegue a obra, sendo feita sua benção em 1849. Neste mesmo ano as imagens que ocupariam os nichos da “Casa dos Santos” foram cuidadosamente reparadas e encarnadas. Em 1850 foram encomendadas ao pintor Bento José Rufino Capinam, 25 painéis emblemáticos para proteger as imagens nos nichos, no entanto, foram encontradas somente vestígios das dobradiças nas laterais dos nichos (ALVES, 1948).

Figura 17 - Casa dos Santos. Capela da ordem terceira de São Francisco de Assis em Salvador (BA)



Fonte: Foto das autoras.

A análise do conjunto da ordem terceira do Carmo de Cachoeira seguiu a ordem dos eventos da Paixão do Senhor. O Cristo no Horto (113 X 40 X 67 cm) está na posição frontal e de joelhos. Geralmente é vestido por uma túnica púrpura, a cor da Paixão. Refere-se a seguinte passagem do evangelho: “Pai, se



queres, afasta de mim este cálice. Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua! Apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. Tomado de angústia, Jesus rezava com mais insistência. Seu suor se tornou como gotas de sangue, que caíam no chão” (Lc 22: 39-44). O cálice simboliza a paixão e morte de Cristo na cruz.

Figura 18 - Cristo Preso



Fonte: Foto das autoras.

Figura 18 - Cristo Coroado de Espinhos



Fonte: Foto das autoras.

O Cristo da Prisão (173 X 49 X 41cm) denominado pelos terceiros cachoeiranos de Cristo Manietado, preso (FIG 18). A imagem reproduz o momento que Jesus passou por um julgamento religioso por pregar a doutrina de Deus: “um dos guardas que estavam aí deu uma bofetada em Jesus e disse: ‘É assim que respondes ao sumo sacerdote?’ Jesus respondeu: ‘Se falei mal, mostre o que há de mal. Mas se falei bem, por que você bate em mim?’. Então Anás mandou Jesus amarrado para o sumo sacerdote Caifás” (Mt 27: 2). O Cristo Flagelado ou Cristo da Coluna (169 X 50 X 48 cm), representa o momento que: “Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus, e o entregou para ser crucificado” (Mc 15: 12-15). A coluna é o principal atributo que identifica essa representação de Jesus.

A escultura do Cristo Coroado de Espinhos (134 X 40 X 61 cm), também conhecida por Senhor da Pedra Fria, cuja figura de Jesus se encontra sentada numa rocha (FIG 19). Reproduz a ocasião em que Jesus é ridicularizado pelos soldados romanos: “Tiraram a roupa dele e o vestiram com um manto vermelho; depois teceram uma coroa de espinhos, puseram a coroa em sua cabeça, e uma vara em sua mão direita. Então se ajoelharam diante de Jesus e zombaram dele, dizendo; ‘Salve, rei dos judeus!’” (Lc 23: 11). Já o *Ecce Homo* (162 X 42 X 41 cm) é denominado como Cristo da Paciência ou Atado, uma atribuição de caráter popular. Neste episódio Jesus ensanguentado é apresentado por Pilatos ao povo da porta ou varanda do Pretório: “‘Eis o Homem!’ Vendo Jesus, os chefes dos sacerdotes e os guardas começaram a gritar: ‘Crucifique. Crucifique!’” (Jo 19: 4-6).



Por fim, a outra imagem do Senhor dos Passos (143 X 42 X 136 cm) é vestida por uma túnica vermelha, tem olhos de vidro, cabeleira e coroa de espinhos. Sustenta a cruz no ombro esquerdo. A imagem está na posição genuflexa: perna direita à frente e perna esquerda para trás (FIG 20). Essa imagem é de grande devoção na comunidade, pois ainda participa da Procissão do Encontro durante as festividades da Semana Santa. Fica em cima de um móvel (espécie de mesa altar), que na região frontal apresenta o símbolo dos três cravos da crucificação.

Figura 20 - Senhor dos Passos



Fonte: Foto das autoras.

Na América Portuguesa, por meio dos religiosos mendicantes e o estabelecimento das ordens terceiras promoveu-se a devoção à figura humana de Jesus, durante a sua Paixão, rememorando as etapas de vida e morte do Cristo Sofredor. A configuração das igrejas da família carmelitana seguiu um padrão delineado pelos frades, havendo uma correspondência entre os templos em diferentes regiões da Colônia. Estes eram ambientes para a representação da Paixão de Cristo, por vezes fragmentados em temas concisos, entre os retábulos e outros espaços. Contudo, em virtude de especificidades locais, outros programas imagéticos poderiam compor a cena. As demais invocações cumpriam papel de santos intermediários, meios mais próximos para se chegar a Deus e, ainda, auxiliavam no amparo dos problemas cotidianos. Fato é que fazer parte de uma ordem leiga era ser assistido nos momentos de doença e morte. Tanto o martírio dos santos quanto a Paixão marcou o imaginário católico, propiciando a demanda por obras religiosas.



Considerações finais

O patrimônio religioso corresponde a uma produção artística qualificada e destinada ao culto sagrado. Ele se desdobra em uma variedade de objetos cujo valor simbólico das representações se sobrepõe ao artístico e histórico. As imagens sacras esclarecem a existência de um programa iconográfico comum entre os irmãos terceiros, suas devoções, tipos de ornamentação, além das festividades que realizavam.

Dessa maneira, com a investigação dos programas imagéticos da ordem terceira do Carmo de Cachoeira, foi possível estabelecer redes de relação entre os irmãos terceiros daquela região, esclarecer a existência de um programa imagético compartilhado, os diferentes tipos de devoções, as escolhas, as mudanças de predileções, hábitos e ainda indicar relações de sociabilidade entre os confrades fundamentadas na reciprocidade.

Destaca-se então, que as devoções estudadas eram modelos, os quais poderiam revelar ao fiel os valores da religião católica e orientar a vida cristã por meio de imagens dramáticas. Tais modelos serviam para edificar: fazer o bem, o extraordinário no ordinário da vida (MARTINEZ CARRETERO, 1991). O modelo absoluto era Cristo: “O principal objetivo da imagem é induzir no fiel o estado de ânimo e a atitude modesta e humilde que ele deve assumir ao dirigir-se a Deus” (ARGAN, 2004, p. 103). Ou seja, a imagem é um modelo de comportamento, a persuasão através da devoção.

Logo, a pesquisa iconográfica designa na identificação de um tema e seu objeto, a iconologia é um método de interpretação que está mais relacionado com a síntese do que somente comum a análise, pois busca entender os valores simbólicos, no entanto, é necessário observar como essas concepções estão expostas às mudanças históricas. A Igreja na América Portuguesa aplicou, da maneira que foi possível, as diretrizes dos programas estipulados pela Contrarreforma e Trento. No Brasil, não havia Igreja por reformar, mas sim, por construir (SOUZA, 2014). Aqui não houve uma absoluta padronização das formas, ocorreu uma expressão da crença religiosa pelas simples manifestações de devoção aos santos, do desejo de união sacramental ou a interiorização de uma piedade religiosa suficientemente sólida para resistir às agruras da vida em terras tão distantes e em meios, por vezes, tão adversos.

Assim, na Colônia não houve somente a simples reprodução dos modelos e do espaço de sociabilidade vividos no Reino, ainda que nele inspirados, ocorreu que na América as transplantações se remodelaram de acordo com as realidades



locais e com o tempo foram se inovando (BOSCHI, 2006).

A ordem terceira do Carmo de Cachoeira possui no interior da sua igreja programas imagéticos compartilhados entre a hagiografia carmelita e franciscana e outro para a Paixão de Cristo que dialogam entre si. Por maiores hostilidades que possam ter existido entre aquelas associações leigas, lá as devoções se desenvolveram de maneira mútua e até hoje são veneradas e/ou admiradas pelos irmãos, fiéis e transeuntes.

A igreja e outros lugares de culto eram espaços de convívio social onde a sociabilidade e religiosidade se fundiam e interpenetravam. Por fim, consideramos ainda que, sempre foi uma prática católica de caridade a hospitalidade, acolher os demais irmãos era uma abertura dadivosa que criava, mantinha ou reconstruía os vínculos sociais (BRUSADIN, 2017). A dádiva implica em um sacrifício e tais atitudes piedosas permeavam no imaginário e nos regimentos de conduta daquelas sociedades fraternais e, com isso, auxiliavam na redenção dos pecados e a salvação das almas no Ultramar.

Referências

ALVES, Marieta. *História da Venerável Ordem 3a da Penitência do Seráfico São Francisco da Congregação da Bahia*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Imprensa Nacional, 1948.

ANDRADE, Mario de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. [S. l.]: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ÁVILA, Afonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956. 2 v.

BAYÓN, Frei Balbino Velasco. *A história da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Edição Pastoral-Paulus, 1990.

BOSCHI, Caio Cesar. Espaços de sociabilidade na América Portuguesa e



historiografia brasileira contemporânea. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 291-313, jul./dez. 2006.

BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença; QUITES, Maria Regina Emery. *História, arte e preservação do patrimônio cultural: a imaginária da Paixão de Cristo da ordem terceira do Carmo de Ouro Preto (MG)*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. O Acolhimento Cristão e as Obras de Misericórdia Corporais: a salvação das almas por meio das ordens terceiras carmelitas das Minas Gerais. In: BRUSADIN, Leandro Benedini (org.). *Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

CALDERÓN, Valentin. *O Convento e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*. Salvador: Universitária UFBA, 1976.

CAMPOS, Adalgisa Arantes (org.). *Manoel da Costa Ataíde: aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Mecenato dos Leigos: Cultura artística e religiosa O Mecenato dos Leigos: Cultura artística e religiosa. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (org.). *Arte Sacra no Brasil Colonial*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2011a.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. A Ordem Carmelita. *PER MUSI – Revista Acadêmica de Música*. Belo Horizonte, n. 24, p. 54-61, jul./dez. 2011b.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. As pinturas dos tetos da Igreja do Convento e Ordem Terceira do Carmo e da Igreja de Nossa Senhora da Purificação no recôncavo baiano. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO, 2., 2003, Porto. *Anais* [...]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001.

CUNHA, Maria José Assunção. *Iconografia cristã*. Ouro Preto: UFOP/IFAC, 1993.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *O conjunto do Carmo de Cachoeira*. Brasília: IPHAN, 2007.

FRANCO, José Eduardo. *Dicionário Histórico das Ordens*. Lisboa: Gradiva, 2010.

GRAVIERS, B.; JACOMET, T. *Os Santos e seus símbolos: grandes livros da religião*. Barcelona: Folio, 2008.

GOMBRICH, Ernest W. *Imágenes simbólicas*. Madrid: Alianza Forma, 1983.

HONOR, André. *A pinacoteca dos irmãos terceiros carmelitas do Recife na capitania*



de Pernambuco: revisitando a pintura de Manoel Cláudio Francisco da Encarnação (séc. XIX). Territórios & Fronteiras, Cuiabá, v. 10, n. 1, p. 179-200, jan./jul. 2017.

Inventário Nacional de Bens Móveis Integrados (IBMI) do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) – Cachoeira Bahia, Igreja e Casa da Oração da Ordem Terceira de Senhora do Carmo (1994), Módulo Recôncavo– Cachoeira/Bahia, Volume 3.

JUSTINIANO, Fátima Auxiliadora de Souza. *As imagens da Paixão de Cristo da procissão do Triunfo, das Veneráveis Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo no Brasil e seus Antecedentes Portugueses*. 2016. 584f. Tese (Doutorado em História, na especialidade de Arte, Patrimônio e Restauro) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

MANIETADO. In: MANIETADO: Significado de manietado. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/manietado/>. Acesso em: 9 ago. 2021.

MARTINEZ CARRETERO, Ismael. *Los Carmelitas: Historia de la Orden del Carmen. Figuras del Carmelo*. VI. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 1991.

MARTINS, William de Souza. *Membros do Corpo Místico: Ordens Terceiras no Rio de Janeiro (C. 1700-1822)*. São Paulo: Edusp, 2009.

MEGALE, Nilza Botelho. *O Livro de Ouro dos Santos: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MUELA, Juan Carmona. *Iconografía Cristiana: guia básica para estudantes*. Madrid- Espanha: Ediciones Akal, S. A., 2012.

ORTMANN, Frei Adalberto. *História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo 1676-1783*. Rio de Janeiro: Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1951.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

QUITES, Maria Regina Emery. *Imagem de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*. 2006. 387 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SCHENONE, Hector H. *Iconografía del arte colonial: los Santos*. Buenos Aires: Fundacion Tarea, 1992.



SENHORINHO, Darlane Silva. *Iconografia carmelitana: análise dos painéis azulejares da Capela-mor da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*. 2014. 284 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SERRÃO, Vitor. Os programas imagéticos na Arte Barroco Portuguesa e a sua repercussão nos espaços coloniais Luso-Brasileiros. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO IBERO-AMERICANO, 4., 2006, Ouro Preto. Anais [...]. Ouro Preto: UFMG, 2006.

SERZEDELLO, Bento José Barbosa (coord.). *Arquivo Histórico da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo Erecta no Rio de Janeiro desde a sua Fundação em 1648 até 1872*. Rio de Janeiro: Typographia – Perseverança, 1872.

SOUZA, Everton Sales. A Construção de uma Cristandade Tridentina na América Portuguesa (Séculos XVI e XVII). In: GOUVEIA, Antônio Camões; BARBOSA, Davis Sampaio; PAIVA, José Pedro. *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014.

Notas

¹Doutora em Artes pela UFMG; Professora da PUC Minas; Pós-doutoranda em História da Arte no School of Arts & Art History da University of Florida.

²Doutora em História pela UNICAMP; Professora da UFMG.

³Destacamos que os discípulos se orientavam pela mensagem cristã cuja máxima é o amor fraterno, em que seguir Jesus implicava em amar e aceitar as dificuldades, representadas pelo sofrimento de Cristo.

⁴Uma ordem terceira pode limitar-se a um único núcleo, ou surgir em diversas associações, podendo estas ser chamadas de Irmandades de Terceiros, *Sodalitas Tertiarium* ou Sodalícios. Todavia, a ordem terceira é a mesma e única em vários sodalícios (FRANCO, 2010).

⁵Em formato de rampas.

⁶Manietado ... (2009).

⁷Ou trono ou vão é a parte interna retábulos onde ficam as imagens de um santo.

⁸Motivo ornamental no alto do retábulo para a inscrição datas ou emblemas.

⁹Caixa ou vão com porta, no centro do altar, onde se guardam as hóstias.

¹⁰Abertura praticada em parede para conter esculturas e objetos.

¹¹Parte da frente da mesa do altar, geralmente ornamentada.



¹²Cf. Inventário Nacional de Bens Móveis Integrados (IBMI) do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) – Cachoeira Bahia, Igreja e Casa da Oração da Ordem Terceira de Senhora do Carmo (1994), Módulo Recôncavo – Cachoeira/Bahia, Volume 3.

¹³Frei Joseph Jesus Maria, tem nacionalidade portuguesa, nascido em Lisboa, no dia 30 de outubro de 1660. Vestiu o hábito em 1679 ainda em Lisboa e fez a profissão em Goiana, Pernambuco um ano depois. De regresso a Portugal, por razões familiares, exerceu o cargo de Comissário da Ordem Terceira, primeiro em Vila Franca de Xira e depois em Lisboa, onde morreu em 1727 (BAYÓN, 2001, p. 338)

¹⁴Mais detalhes sobre a escultura da Santa Isabel, Rainha da Boêmia Cf. Honor (2017, p. 180-181).